

# Performance de Dança na Educação: Relato de uma experiência em Sociologia

Márcia Oliveira Suchanek (\*)

## Habilidades sociais e emocionais em uma escola técnica

*“Perdido seja para nós aquele dia em que não se dançou nem uma vez!”*  
Friedrich Nietzsche<sup>1</sup>



Alunas do Curso Técnico de Dança no MAM.  
Foto: arquivo da autora.

A Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch (ETEAB), está situada ao lado da Quinta da Boa Vista, no Bairro de São Cristóvão, na Cidade do Rio de Janeiro e pertence à Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC), vinculada à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI), do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

A escola oferece oito cursos técnicos de nível médio integrado, dividido em três eixos tecnológicos: Produção Cultural e Design, compreendendo os cursos de Dança, Publicidade e Produção de Áudio e Vídeo; o eixo Hospitalidade e Lazer com os cursos de Hospedagem, Guia de Turismo e Eventos; e o eixo Gestão e Negócios, com os cursos de Administração e

Marketing<sup>2</sup>. O fato dos cursos de Dança<sup>3</sup>, Produção de Áudio e Vídeo, Publicidade, Eventos e Marketing serem oferecidos somente na ETEAB, imprime à escola um perfil técnico artístico-cultural exclusivo na Rede FAETEC.

(\*) Mestra em Ciências Jurídicas e Sociais (PPGSD – UFF), especialista em Planejamento Ambiental (Geografia – UFF), bacharel e licenciada em Ciências Sociais (UFRJ). Professora de Sociologia da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch – ETEAB/FAETEC. E-mail: marciaeteab@gmail.com

<sup>1</sup> Fonte: <https://pensador.uol.com.br/frase/MTA2OTc/>

A grande integração dos alunos entre os cursos, com as suas diversas habilidades, propicia o desenvolvimento de um fértil campo criativo para a produção de trabalhos práticos desde o 1º ano do ensino médio, como a produção de filmes, eventos e espetáculos.

Os alunos da ETEAB são qualificados para as habilidades do século XXI, de comprovada relevância para a vida pessoal e profissional: são as chamadas “habilidades sociais e emocionais”, conforme esclarece Tavares (2017):

Trata-se, por exemplo, da capacidade de comunicar-se adequadamente, de trabalhar em equipe, de ser persistente e esforçado, de reconhecer e adotar as atitudes corretas quando persegue um objetivo, de ser resiliente, de compreender suas capacidades e seus limites, de colaborar e de liderar. Para o sucesso profissional, estas habilidades são tão (ou mais) importantes do que o próprio conhecimento técnico.

Atendendo a proposta de ensino médio técnico integrado, os alunos da 2ª série do Curso de Dança, no ano de 2016, desenvolveram para a disciplina de Sociologia uma performance de dança, alertando o público para a necessidade de informação sobre os riscos da radioatividade<sup>4</sup>. O relato desta experiência tem o objetivo de divulgar uma prática educativa que pretende contribuir para a informação sobre os riscos nucleares<sup>5</sup> – proposta educativa de extrema importância, sobretudo no Estado do Rio de Janeiro, onde se constrói atualmente a terceira usina nuclear do país, em Angra dos Reis, o primeiro submarino movido à propulsão nuclear da América Latina, em Itaguaí, e a Fábrica de Combustíveis Nucleares de Resende.

### **Da imaginação sociológica à performance**

Um dos trabalhos do professor de Sociologia no Ensino Médio é despertar a “imaginação sociológica” do aluno, dando a ele o desejo de se permitir imaginar o mundo ao seu redor com seus próprios olhos e “perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro dele mesmo” (MILLS, 1975, p.11).<sup>6</sup> É possível considerar a arte performativa como um exercício de “imaginação sociológica”, na medida em que “[a] performance recobra o campo do preexistente, aquilo que permite interrogar a história, a cultura, a organização social, tornando-as passíveis de serem reconsideradas e atualizadas” (PEREIRA, 2012, p. 306). A superação da dico-

---

<sup>2</sup> Dados disponível em <http://www.faetec.rj.gov.br/index.php/rede-faetec/cursos-educacao-basica-e-tecnica/cursos-tecnicos-dde2>. Publicado no dia 08 dez. 2016.

<sup>3</sup> O Curso Técnico de Nível Médio em Dança Integrado ao Ensino Médio da ETEAB/FAETEC é o primeiro e único curso na América Latina com o currículo integrado entre os ensinos médio e técnico. Para uma compreensão sobre a estrutura e funcionamento do curso, sua relevância social e proposta pedagógica ver Lima (2014).

<sup>4</sup> Para uma reflexão sobre a experiência do ensino de Sociologia no Curso Técnico de Dança da ETEAB, ver Santos e Silva (2015).

<sup>5</sup> Maiores detalhes sobre percepção dos riscos nucleares no Brasil, ver Cabral (2012).

<sup>6</sup> Para aprofundar a utilização do conceito de “imaginação sociológica” em sala de aula, ver Oliveira (2012).

tomia arte/ciência amplia o olhar e permite que o professor/pesquisador procure na criação artística um instrumento teórico para a Sociologia (MARTINS, 2014).

A prática pedagógica em Sociologia ora apresentada dialoga com o campo das Artes Performativas/Performing Arts, “nome dado ao conjunto de artes (como a dança, o teatro, a música) que utilizam o corpo como *médium* e dependem da co-presença entre público e intérprete para a sua realização” (VIEIRA, A. 2016, p.47). Sendo a dança a linguagem artística que dará a base para este trabalho, a performance aqui tratada será a “performance de dança” (MACHADO, 2009).

Também nos interessa compreender performance como a praticada por Joseph Beuys, entendida como um processo de resgate, ampliação e assimilação de experiências humanas. Conforme esclarece Bortulucce (2013), Joseph Beuys acreditava no poder da criatividade humana para construir uma sociedade inteira como uma enorme obra de arte. Tudo deveria conduzir, no tempo e no espaço, para um único grande projeto de “escultura social”. Beuys deglutiou, digeriu e devolveu o mundo ao seu espectador: um mundo, ao mesmo tempo, pleno de esperanças e de impossibilidades.



*Performance no MAM. Foto: Victor Machado.*

O processo de criação desta experiência teve o seu início em fevereiro de 2016, na primeira aula de Sociologia do ano letivo, na turma da 2ª série do Curso Técnico em Dança, composta por 22 alunos, entre 15 e 17 anos. Nesta aula, foi lembrado que em 2016 o acidente nuclear de Fukushima, no Japão, completaria 5 anos, no dia 11 de março, e o acidente ocorrido em um país que integrava a antiga URSS, a Ucrânia, completaria 30 anos, no dia 26 de abril<sup>7</sup>.

Diante do sentimento de inquietude provocado pelas questões nucleares, os alunos despertaram um interesse pulsante, tocados instantaneamente pelo desejo de “queremos fazer algo a respeito”. Os alunos não apenas queriam dar uma resposta, mas dar uma resposta pensada e produzida por eles. E mais, extrapolaram o exercício de sala de aula e trabalharam para produzir uma resposta com o corpo, através da performance de dança.

Interesse, impulso reflexivo e desejo de ação: esta atitude proativa é resultado do trabalho realizado pelos professores do Curso Técnico em Dança desde o primeiro ano do curso.

### **Falta de informação causa morte e preconceito**

Os acidentes nucleares de Chernobyl e Fukushima foram o mote mobilizador dos alunos. Porém, o acidente radiológico com o césio 137, ocorrido em Goiânia, capital de Goiás, em 13 setembro de 1987, é o evento mais significativo para ser conhecido e estudado em sala de aula, não apenas porque aconteceu no Brasil, mas porque a falta de informação da população quanto ao risco de exposição a substâncias radioativas foi a base da causa deste acidente (NETO; BERNSTEIN, 2013).

O maior acidente radiológico da América Latina começou quando dois sucateiros entraram numa clínica abandonada no Centro de Goiânia, encontraram um velho aparelho de radioterapia e decidiram desmontá-lo para revender suas peças para o ferro-velho. No quintal da casa de um deles, desmantelaram o aparelho a marretadas e acabaram por violar a fonte de césio 137. Parte da blindagem de chumbo que ainda continha a fonte de césio 137 violada foi vendida a um dono de ferro-velho que, ao perceber no escuro uma luz azul emitida pelo pó de césio, ficou encantado e chamou familiares e amigos para ver a estranha luz e distribuiu entre eles os grãos do tamanho de arroz de cloreto de césio. Depois de várias pessoas passarem mal, a peça foi levada de ônibus em um saco à Vigilância Sanitária. O saco foi deixado sobre uma mesa na sala da Divisão de Alimentos até o dia

---

<sup>7</sup> Na ETEAB, desde 2010, é desenvolvido o Projeto Urânio que utiliza o cinema para informar a sociedade sobre os riscos da radioatividade. Com o lema “Informação é a melhor prevenção”, o projeto colabora com o International Uranium Film Festival - festival dedicado à Era Atômica e tema de artigo acadêmico internacional (SHEEHAN, 2013). Em sua 6ª edição, de 20 a 29 de maio de 2016, o festival exibiu 49 filmes de 22 países, estiveram presentes 13 cineastas de 10 países e contou com o apoio da FAETEC, do Consulado Geral da Suíça no Rio de Janeiro, do Instituto Goethe e da Fundação Friedrich Ebert. Site do festival: [www.uraniumfilmfestival.org](http://www.uraniumfilmfestival.org)

seguinte, quando foi levado para o pátio e deixado sobre uma cadeira. Muitos funcionários foram ver a peça por curiosidade e também foram irradiados e ou contaminados. Depois que um médico desconfiou que as queimaduras com bolhas na pele podiam ser causadas por radiação, o passo seguinte foi encontrar um físico. Este foi fazer medidas e confirmou altíssimo nível de contaminação, não só na Vigilância Sanitária, mas em várias localidades da cidade de Goiânia. Quando as autoridades da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) chegaram, a primeira providência foi concretar a cadeira e a sacola com a fonte, que se transformou em rejeito de altíssima atividade<sup>8</sup>.

“Inúmeras são as vítimas do pior acidente do mundo com uma única e minúscula fonte radioativa. Cerca de um mês após a abertura da fonte, haviam morrido quatro pessoas”, que precisaram ser enterradas em caixões de chumbo (OKUNO, 2013, p. 198). “Teve desinformação demais. Na época, quando alguém via carro com placa de Goiânia, dizia: ‘Joga pedra!’”, declara o jornalista Luiz Spada (SOUZA, 2015). Mas o que podemos fazer 30 anos depois do acidente? A resposta é simples: não deixar que ele seja esquecido.

Como ponta pé inicial do processo criativo dos alunos, foi exibido o videodança “Rua 57, Nº 60, Centro” (2012, 7 minutos)<sup>9</sup>, dirigido por Michael Valim. É um vídeo experimental resultado de uma performance do Grupo Vida Seca e do Grupo de Dança ¿Por Qué? realizada no terreno localizado no nº 60 da Rua 57, centro de Goiânia, onde o equipamento contendo o material radioativo começou a ser desmanchado. Um local hoje concretado e onde ninguém pode viver.

A performance como prática pedagógica na aula de Sociologia permite a abertura de um imenso campo experimental que transcende os limites do conhecimento sociológico, através da absorção de *insights* e informações (TEIXEIRA, 2006). A performance é uma maneira de intervir no mundo dando o seu próprio corpo para isso, dando a sua cara à tapa – sem subterfúgios, sem chance de se esquivar ou se camuflar atrás de um trabalho escrito, por exemplo, que muitas vezes nem o próprio aluno reflete o que copiou da internet.

### **“Que obra de arte é o homem!”**

Na modernidade, o homem não disputa mais o cenário com as divindades e nem com a natureza, ele passa a determinar o curso da história. Com a exclamativa “Que obra de arte é o homem!”, William Shakespeare, em Hamlet, no alvorecer do século XVII, liquida implacável a estrutura men-

---

<sup>8</sup> Para maiores detalhes sobre o acidente de Goiânia com uma fonte de céσιο-137 e conhecer as bases da Física das radiações, as fontes naturais e artificiais, os efeitos biológicos e a proteção radiológica, ver Okuno (2013).

<sup>9</sup> O filme integra o box “Césio 25 anos” e foi doado pelo cineasta Ângelo Lima para exibição em escola.

tal medieval e dá adeus ao homem submisso aos desígnios do teocentrismo, abrindo as cortinas do antropocentrismo que vai desembocar numa nova era geológica: o Antropoceno<sup>10</sup>.

Embora o uso da expressão “Antropoceno” venha ganhando popularidade no meio científico, o período ainda não foi definido formalmente, pois não há uma data consensual para marcar o seu início. Descobrir o momento é uma condição necessária para que a Comissão Internacional de Estratigrafia (ICS), organismo responsável pela padronização da geocronologia mundial, possa um dia proclamar o término do Holoceno, a época atual, iniciada há 11.700 mil anos com o fim da última glaciação e inaugurar oficialmente o Antropoceno (MOON, 2016).



*Performance no MAM. Foto: Victor Machado.*

Um requisito para marcar o começo de uma nova época geológica é a presença de um evento que possa ser detectado no registro geológico e em escala global. Vários sinais deixados pela atividade humana já foram sugeridos, sendo os mais importantes a chegada dos europeus às Américas e as primeiras explosões nucleares.

No primeiro caso, as transformações demográficas teriam causado uma queda na concentração de CO<sub>2</sub> na atmosfera, detectável em núcleos de gelo de 1610, efeito complementado pela mudança nos tipos de pólen e sementes presentes em registros sedimentares, por conta das transformações na agricultura. A outra data seria 1964, ano em que foi registrado um pico de carbono 14 nos

---

<sup>10</sup> De antiga raiz etimológica grega, antropoceno significa “época da dominação humana” (ALVES, J. 2012).

anéis de árvores – o carbono 14 é radioativo e a atmosfera terrestre foi enriquecida com esse isótopo a partir do início das explosões nucleares em 1945 (JORNAL DA UNICAMP, 2015).

Os Estados Unidos e a antiga União Soviética conduziram, entre 1945 e 1963, centenas de testes nucleares em terra, ar e mar, para testar e ampliar o seu arsenal nuclear. Os elementos radioativos forjados nas explosões, ao serem ejetados à estratosfera, depositaram-se em toda a superfície. Só para se ter uma ideia, entre 2007 e 2014, pesquisadores do Instituto de Oceanografia da Universidade de São Paulo detectaram contaminação radioativa em crustáceos na costa do litoral sul do nosso continente, originados de testes atômicos realizados durante a Guerra Fria (MOON, 2016).

### **Que mundo vivemos?**

O que significa viver na era nuclear? Como lidar com o fato de que existe hoje no mundo cerca de 15 mil armas nucleares? De acordo com o relatório de 2016 do Instituto de Estudos da Paz em Estocolmo (SIPRI), os Estados Unidos, a Rússia, o Reino Unido, a França, Índia, China, o Paquistão, Israel e a Coreia do Norte possuem juntas 15.395 ogivas. A Rússia, com 7.290 ogivas, e os Estados Unidos, com 7.000, detêm 93% das armas nucleares existentes no mundo. Além das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, entre 1945 e 2006, mais de 60 locais em todo o mundo foram utilizados para 2.056 testes nucleares.

Os cientistas cogitavam os efeitos nefastos das explosões atômicas desde o começo. Prova disso é a frase de Oppenheimer<sup>11</sup>, após participar do primeiro teste atômico: "Agora eu me tornei a morte, o destruidor de mundos". Mas somente em 1983 é que os norte-americanos realizaram uma pesquisa, simulando possíveis cenários de uma guerra nuclear, com base nos arsenais norte-americanos e soviéticos, que contabilizavam na época 59.959 armas nucleares<sup>12</sup>.

O resultado deste estudo concluiu que os efeitos imediatos de uma explosão atômica podem reduzir o tamanho da população do Homo Sapiens a níveis pré-históricos ou até menores, e a extinção da espécie humana não pode ser excluída: "Com isso, a explosão nuclear foi definida não apenas como arma militar, mas como um evento capaz de transformar o planeta." (ALENCAR, 2016, p. 21). Apesar da redução de arsenais, resultado de três tratados assinados desde 1991 e de reduções unilaterais das duas maiores potências nucleares, o relatório SIPRI afirma que "as perspectivas para

---

<sup>11</sup> Julius Robert Oppenheimer foi um dos principais cientistas do Projeto Manhattan, responsável pela criação das bombas atômicas norte-americanas. O primeiro teste foi realizado em território norte-americano, no Novo México, 21 dias antes do lançamento da bomba atômica em Hiroshima.

<sup>12</sup> Nota-se que o arsenal vem diminuindo, de quase 60 mil armas, em 1983, para cerca de 15 mil atualmente. No entanto, a potência das bombas vem aumentando, esclarece o relatório do SIPRI (KILE; KRISTENSEN, 2016).

um progresso genuíno de desarmamento nuclear permanecem pessimistas" (KILE; KRISTENSEN, 2016).

A “tecno-dependência” (GINJEIRA, 2010) se integra na normalidade das sociedades, com seus benefícios e seus malefícios. Embalados pelos seus benefícios, pondera Ginjeira, “confiamos excessivamente, quase cegamente, em coisas que conhecemos mal” e, com isso, os meios de “domesticação do perigo” estão cada vez mais presentes na sociedade. Aceitamos a incerteza, face ao perigo e ao risco, pelo fato de que o conhecimento adquirido nunca é um conhecimento completo. Porém, o conhecimento incompleto tem como consequência a impossibilidade de calcular os perigos e os riscos na sua totalidade.

Segundo Sagan (2000, p.68), “criamos uma ordem em que quase ninguém compreende a ciência e a tecnologia. É uma receita para o desastre. Podemos escapar ilesos por algum tempo, porém mais cedo ou mais tarde essa mistura inflamável de ignorância e poder vai explodir na nossa cara”. Conforme esclarece Viveiros de Castro (2014), nós somos capazes tecnicamente de fazer coisas que não somos nem capazes de imaginar. A gente sabe fazer a bomba atômica, mas não sabe pensar a bomba atômica. As pessoas ficam paralisadas, uma “paralisia cognitiva”. Então quando as pessoas param de pensar no problema ele vai desaparecendo até sumir por completo. Afinal, se nada pode ser feito diante de uma hecatombe nuclear, por que pensar a respeito? Esta é a questão que Sagan (2000) chama atenção: deixar de pensar o problema é se distanciar de sua solução, é ignorar os procedimentos de como evitá-lo, de como se prevenir contra ele.

Permanece o paradigma da “necessidade de grandes – e crescentes – quantidades de energia de base, e a geração nuclear é saudada novamente como uma resposta real para os problemas de energia do mundo” (ELETROBRAS ELETRONUCLEAR, 2016, p. 205) – que conta atualmente com 442 reatores nucleares de potência em operação e 66 reatores nucleares em construção.

Vale ressaltar que o uso atual da energia nuclear não se resume à produção de energia, estando presente na agricultura, indústria e medicina. O Brasil também quer usá-la para produção de hidrogênio, de eletricidade para transporte, para dessalinização ou para outras aplicações não tradicionais, que aumentará a demanda do projeto de reatores avançados (ELETROBRAS ELETRONUCLEAR, *op. cit.*).

Além disso, o Brasil também faz a mineração do urânio e fabricação do combustível nuclear. Todos esses usos produzem igualmente ambientes de risco que precisam ser informados para que a população não manipule acidentalmente substâncias radioativas, como ocorreu em Goiânia.

O esquecimento do erro pode provocar a sua repetição. Por isso é urgente o investimento em políticas públicas de educação e informação tanto para a formação dos jovens como para as gera-

ções adultas (KINOSHITA), sendo necessário um sistema preventivo ampliado no espaço e no tempo para toda população brasileira.

## Performance

Os alunos criaram coreografia, poesia e ensaiaram com afinco por três meses. O trabalho culminou com a apresentação da performance no “International Uranium Film Festival”, no Museu de Arte Moderna – MAM Rio, Parque do Flamengo, Rio de Janeiro, no dia 22 de maio de 2016.

Tiveram os alunos a coragem de se exporem por inteiro numa “performance” – um trabalho que “implica na poética do ato-ação, o corpo como acontecimento afetivo e político” (FERREIRA, 2010). Os alunos foram artistas que não se esquivaram em incorporar o risco às manifestações performáticas, um “risco procurado”, uma “dor consentida”. Buscaram “arrancar as pessoas da anestesia a que estão culturalmente condenadas”, assim como os grandes artistas Lygia Clark e Artaud fizeram (BARCELLOS; HILL, 2012, citando MILLIET, 1997, p. 116).

Em um belo domingo de céu azul, seus movimentos cutucaram o esquecimento dos transeuntes do parque que circulavam como se vivessem na terra distante que Francis Bacon descreve em Nova Atlântida, “onde o progresso técnico-científico traz, sem qualquer ônus, bem-estar e felicidade para seu povo” (ALENCAR, *op. cit.*, p. 16). Surpreendidas pelo mal-estar de corpos afetados pela contaminação radioativa, as pessoas jamais esquecerão o que viram, ouviram e sentiram.



Performance no MAM. Corpos em sacos.  
Referência ao lixo radioativo. Foto: arquivo da autora.

“Na performance, o que se dá a ver incha o olhar, é mais do que pode ser visto, ela aponta para o que está para além das margens que demarcam um espaço de representação” (PEREIRA, *op. cit.*, p. 307). Refletir sobre a performance-pensamento é colocar-se em espaço performático, arriscar-se em espaços que à primeira vista parecem improváveis, mas logo tornam-se possíveis pela

potência carregada nos gestos (FERREIRA, *op. cit.*). E a era nuclear criou “espaços de exclusão”<sup>13</sup>, lugares onde a humanidade perdeu o seu curso, alterou a genética dos seres e fez o tempo mudar de dimensão. São espaços pretensiosamente excluídos do Planeta, como se fosse possível criar uma realidade técnica suplantada da realidade. Espaços que foram desligados deste mundo no dia de um acidente nuclear e agora só existem na realidade performática da era atômica.

A performance realizada pelos alunos-artistas nos aproxima deste real absoluto aparentemente fora da realidade que envolve a era atômica. Tarefa nada fácil, a performance encantou, emocionou e acordou o público. “Sim, nos ensinou Joseph Beuys que a arte combate os efeitos repressores de um sistema social doente, com seus poderes curativos e o seu caráter redentor da criatividade humana” (BORTULUCCE, *op. cit.*).

A mensagem por mais dolorosa foi sublimada pela estética cativante, provocativa e acima de tudo, inesquecível da performance. Inesquecível como deve ser todo trabalho que colabora para a prevenção aos riscos de uma hecatombe nuclear.

### À guisa de conclusão

O mais grave acidente radiológico relacionado à medicina ocorreu em Goiânia, no Brasil, e poderia ter sido evitado se a informação sobre o risco de exposição a substâncias radioativas fosse transmitida a toda população.

Desde o momento em que aparelhos contendo substâncias radioativas passaram a estar presentes em nossa sociedade, é importante que a informação sobre seus riscos seja amplamente divulgada, sem exceção, à toda população. Considerando a complexidade do tema, envolvendo conceitos de Física e Química, por exemplo, entendemos que a Arte em todas as suas formas seja um importante recurso didático para esta comunicação<sup>14</sup>.

“A pesquisa em torno do caráter performativo da ação pedagógica e, por conseguinte, da relação entre performance e educação é, ainda, incipiente no Brasil” (PEREIRA, *op. cit.*, p. 305). O que pretendemos ter demonstrado neste trabalho é o quanto é promissor o caráter educativo da performance de dança para a comunicar e educar sobre os riscos da radioatividade.

---

<sup>13</sup> “Zona de exclusão” é uma área de 2.400 km<sup>2</sup> em entorno da usina nuclear de Chernobyl e de 20 km<sup>2</sup> (sem considerar o mar) em Fukushima que permanecerão por tempo ainda não determinado com radioatividade inadequada para a vida humana.

<sup>14</sup> Um bom exemplo da aproximação entre Química e Arte, é o trabalho de Barcellos e Hill (2012) que propõe a aproximação entre elementos da arte da performance - tais como o acaso e o risco - e o modelo atômico da física quântica, dando origem ao “performador atômico”, o criador-artesão que catalisa as potencialidades do corpo humano.

Ao trabalhar com todos os canais da percepção, a performance toca o sentimento do risco sem medo e revela a realidade atômica, sem pânico, com consciência e a ciência sobre seus riscos.

## Referências

- ALENCAR, C. R. V. *Vivendo na prorrogação: o “tempo do fim” de Günther Anders*. (Dissertação de Mestrado), Rio de Janeiro: Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27461/27461.PDF>
- ALVES, José E. Diniz. "Holoceno e antropoceno". *Portal EcoDebate*, 2012. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2012/08/08/holoceno-e-antropoceno-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>
- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poetica, 1994.
- BARCELLOS, Fernando Borges; HILL, Marcos César de Senna. “O performador atômico e o processo de criação em cadeia”. *Moringa*, João Pessoa, v. 3 n. 2 jul-dez/2012. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/article/view/15360/8726>
- BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. “Arte como catarse: as performances de Joseph Beuys e a ressignificação do mundo”. *IX EHA - Encontro de História da Arte*, Campinas: UNICAMP, 2013. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2013/Vanessa%20Beatriz%20Bortulucce.pdf>
- CABRAL, Anya Dantas. *Rumo a uma nova percepção dos riscos nucleares no Brasil: questões estratégicas e implicações políticas*. Cachoeira: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2012. Disponível em: [http://www.repositorio.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/492/1/DISSERTAO\\_%20Anya%20Dantas%20Cabral\\_2012.pdf](http://www.repositorio.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/492/1/DISSERTAO_%20Anya%20Dantas%20Cabral_2012.pdf)
- ELETROBRÁS ELETRONUCLEAR. *Panorama da Energia Nuclear no Mundo – Edição 2016*. Disponível em: <http://www.aben.com.br/Arquivos/451/451.pdf>
- FERREIRA, Larissa. “O ato-ação da performance”. Encontro Nacional de Antropologia e Performance, São Paulo, 16 a 19 de março de 2010. Disponível em: [https://enap2010.files.wordpress.com/2010/03/larissa\\_ferreira.pdf](https://enap2010.files.wordpress.com/2010/03/larissa_ferreira.pdf)
- GINJEIRA, Francisco. “O perigo das coisas consideradas normais – Sistemas abstractos”. *Fluxos & Riscos*, Lisboa, v. 1 n. 1, p. 197-226, 2010. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/fluxoseriscos/article/view/2550>
- JORNAL DA UNICAMP. “O início do Antropoceno”. Campinas, nº 619, 16 a 22 de mar. 2015. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/619/telescopio>
- KILE, Shannon and KRISTENSEN, Hans. “Trends in world nuclear forces”. SIPRI Publications, Stockholm International Peace Research Institute, Suécia, 2016. Disponível em [https://www.sipri.org/sites/default/files/FS%201606%20WNF\\_Embargo\\_Final%20A.pdf](https://www.sipri.org/sites/default/files/FS%201606%20WNF_Embargo_Final%20A.pdf)
- KINOSHITA, Dina Lida. “Educação para a Cidadania em um Mundo Globalizado”. *Estudos Avançados*. São Paulo. Texto (online), s/ref. data. Disponível em: [http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/kinoshitaeducacaoparaacidania.pdf/at\\_download/file](http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/kinoshitaeducacaoparaacidania.pdf/at_download/file)

- LIMA, Amanda Santos de. *A formação profissional em dança: o ineditismo da proposta de educação em uma escola pública estadual do Rio de Janeiro* (Dissertação de Mestrado) Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: [http://cursos.ufrjr.br/posgraduacao/ppgeduc/files/2014/08/Dissertacao\\_Amanda\\_Lima\\_2014.pdf](http://cursos.ufrjr.br/posgraduacao/ppgeduc/files/2014/08/Dissertacao_Amanda_Lima_2014.pdf)
- MACHADO, Marília Mendes. “Truque-(me): dança e performance como Interseção entre Intérprete e Pesquisador(es) na Universidade Federal de Viçosa”, *Contemporâneos*, nº 3, nov./abr. 2009. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n3/pdf/truque.pdf>
- MARTINS, Joyce Miranda Leão. “Ciência, Arte e Perspectivas para a Imaginação Sociológica”. *Revista Café com Sociologia*, v. 3, n. 3, ago./dez. 2014. Disponível em: <http://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/396>
- MILLIET, Maria Alice. *Lygia Clark: obratrajeto*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- MILLS, Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MOON, Peter. “Pesquisadores identificam marcador do Antropoceno no Atlântico Sul”. *Agência Fapesp*, São Paulo, 27 out. 2016. Disponível em [http://agencia.fapesp.br/pesquisadores\\_identificam\\_marcador\\_do\\_antropoceno\\_no\\_atlantico\\_sul/24196/](http://agencia.fapesp.br/pesquisadores_identificam_marcador_do_antropoceno_no_atlantico_sul/24196/)
- NETO, Valter Gomes Tardio; BERNSTEIN, Any. “Césio 137: um drama antigo que serve de exemplo”. Fundação Cecierj, Rio de Janeiro, 8 out. 2013. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/quimica/0018.html>
- OKUNO, Emico. “Efeitos biológicos das radiações ionizantes. Acidente radiológico de Goiânia”. *Estudos Avançados*, v.27, n.77, p.185-200, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/53961/57904>
- OLIVEIRA, Natália Braga. “A Imaginação Sociológica em Sala de Aula”. *Sociologia*, São Paulo, p. 45 – 49, 01 dez. 2012. Disponível em: [http://www.salesianoniteroi.com.br/RO/destaques/documentos/anexos\\_71/sociol.pdf](http://www.salesianoniteroi.com.br/RO/destaques/documentos/anexos_71/sociol.pdf)
- PEREIRA, Marcelo de Andrade. “Performance e educação: relações, significados e contextos de investigação”. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.28, n.1, p.289-312, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982012000100013>
- SAGAN, Carl. “Relatório da Reunião Educação para o Século XXI”. In: Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Parte IV, Ciências Humanas e suas Tecnologias, 2000. Disponível em [http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/pro-reitorias/prograd/legislacao/arquivos/medio/bases\\_legais.doc](http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/pro-reitorias/prograd/legislacao/arquivos/medio/bases_legais.doc)
- SANTOS, Kelly Pedroza; SILVA, Marcelo Costa. “Sociologia e Dança – experiência didática em uma escola técnica da FAETEC”. I Seminário de Ciências Sociais e Educação Básica: O Sentido das Ciências Sociais na Educação Básica, Rio de Janeiro, 06 e 07 nov. 2015. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/cienciassociais/article/view/404>
- SHEEHAN, Courtney. “From Chernobyl to Fukushima: The Uranium Film Festival”. *NECSUS - European Journal of Media Studies*, University of Texas, 3 jun. 2013. Disponível em <http://www.necsus-ejms.org/from-chernobyl-to-fukushima-the-uranium-film-festival/>
- SOUZA, André de. “Acidente com césio 137: ‘Quando viam carro de Goiânia, diziam para jogar pedra’”, *O Globo*, 16 jul. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/acidente->

com-cesio-137quando-viam-carro-de-goiania-diziam-para-jogar-pedra-16778403#ixzz4gLDPgmeV

TAVARES, Priscilla. “Os desafios da nova política educacional brasileira”. *Estadão*, São Paulo, 12 jan. 2017. Disponível em <http://eesp.fgv.br/noticias/os-desafios-da-nova-pol%C3%ADtica-educacional-brasileira>

TEIXEIRA, João Gabriel L. C. “Os estudos da performance e as metodologias experimentais em sociologia da arte”. *ARS*, São Paulo, v.4, n.7, p.38-49, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ars/article/view/2960>

VIEIRA, Ana Maria Brigotte. *NO ALEPH, para um olhar sobre o Serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1984 e 1989*. (Tese de Doutorado), Lisboa: Universidade de Lisboa, 2016.

VIVEIROS DE CASTRO, E. “Diálogos sobre o fim do mundo”. *El País* (online), 29 set. 2014. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283\\_365191.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283_365191.html)

**Resumo:** Permanece o paradigma da necessidade de grandes e crescentes quantidades de energia de base e a geração nuclear é saudada como uma das respostas para os problemas de energia no Brasil. Mas energia nuclear envolve riscos à exposição a substâncias radioativas. Por décadas, o uso de elementos radioativos e de Raio X é utilizado na medicina e na indústria, fazendo parte do cotidiano da sociedade brasileira. No entanto, o conhecimento público sobre seus riscos ainda é muito limitado, como ficou constatado no acidente radioativo de Goiânia, em 1987. É necessário investir na educação preventiva sobre os riscos das substâncias radioativas. O artigo apresenta uma experiência prática pedagógica na disciplina de Sociologia na Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch / FAETEC. Pretende-se demonstrar o potencial pedagógico do uso da performance de dança para chamar atenção sobre os riscos da radioatividade.

**Palavras-chave:** Educação; Sociologia; performance de dança; prevenção de riscos; radioatividade.

**Abstract:** In Brazil the paradigm of the need of more energy for economic growth continues and growing use of nuclear energy is promoted as one of the answer. But nuclear power involves radioactive risks. Also for decades the use of radioactive elements and X-Radiation is widespread in medicine and industry and is in fact part of the everyday life in Brazilian society. However public knowledge about its dangers is still very limited, as we had to learn from the radioactive accident of Goiânia in 1987. Information is the first step for protection and prevention. For that it is also necessary to invest in preventive education about the dangers of radioactivity. The article presents a practical pedagogical experience in the discipline of Sociology at the State Technical School Adolpho Bloch / FAETEC. It intends to demonstrate the pedagogical potential of using dance performance in education to get attention about the risks of radioactivity.

**Keywords:** Education; Sociology; dance performance; risk prevention; radioactivity.

*Recebido em: 27/04/2017.*

*Aceito em: 09/05/2017.*